

A person in a dark jacket and pants is walking away from the viewer down a dirt path in a forest. The path is covered with fallen leaves. The forest is dense with tall trees and lush green undergrowth. The lighting is soft and diffused, suggesting a misty or overcast day.

AILTON ELISIÁRIO

NOS MEUS VERDES ANOS

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

**NOS MEUS
VERDES ANOS**

AILTON ELISIÁRIO

NOS MEUS
VERDES ANOS

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Ailton Elisiário

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Vasconcelos
Imagens: Depositphotos
1ª edição – abril de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Souza, Ailton Elisiário de
Nos meus verdes anos / Ailton Elisiário. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
64 p.

ISBN: 978-65-86751-00-0

1. Literatura brasileira 2. Souza, Ailton Elisiário de -
Memória autobiográfica 3. Poesia brasileira I. Título

20-1699

CDD B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Dedicatória

Dedico aos meus netos
Lucas
e
Luísa
que estão na aurora da vida.

Agradecimentos

À Socorro, minha esposa,
pelas maravilhosas sugestões.

Sumário

Prefácio	11
Meu primeiro neto	17
Minha primeira neta	19
Luísa	21
Prelúdio	23
Versos ao meu amor	25
A um alguém	26
Sublime paixão	27
Lábios virgens	28
Por quê?	29
Ilusão	30
A desconhecida	31
Martírio	32
Feliz encontro triste	33
Traição	34
Tédio	35
Confissão	36
Preces	37
Recôndito ciúme	39
Solidão	41
Tudo é ilusão	42
Meu sonho	43
A ti	44

Volta para mim	45
Revolta	46
A miraia	47
Sublime instrumento	48
Responda-me, ó Senhor	49
Ao mano morto	50
Um dia virá	51
Natal	52
Carnaval	53
Nada	54
Imagem fugaz	55
Tristezas	56
Casamento na polícia	58

Prefácio

O POETA CASIMIRO DE ABREU (1839–1860) recordou sua infância no poema *Meus oito anos*, cuja canção aprendi a cantar com minha amada mãe. Ele escreveu:

“Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais.”

Talvez com idêntica disposição de Casimiro, publico minhas poesias, porém, com uma diferença: o faço após a minha maturidade. Com mais precisão, cerca de sessenta anos depois de havê-las escrito. São expressões poéticas e literárias manifestadas na minha juventude. Portanto, um livro para jovens porque foi escrito por um jovem, mas que pode ser folheado por pessoas maduras que encontrarão nele, decerto, suas lembranças juvenis.

Dei por título *Nos meus verdes anos* ao corpo de 31 poemas que traduzem tanto emoções sentidas quanto cenas criadas pela imaginação, mas todos escritos com paixão de adolescente, nos idos de 1960, na idade entre os 16 e 23 anos.

E, aqui, digo como Álvares de Azevedo, que, no prefácio de *Lira dos vinte anos* escreveu:

“São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá

não têm a doçura dos seus cânticos de amor. É uma lira, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma coroa de folhas, mas sem viço. Cantos espontâneos do coração, vibrações dori-das da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou — como isso dou a lume essas harmonias. São as páginas despedaçadas de um livro não lido...”.

É possível que a visão dos jovens rapazes de hoje não seja idêntica à dos jovens de sessenta anos passados. Estes eram mais românticos, sonhavam com um amor profundo, tinham as mulheres como de sexo frágil. Os de hoje são mais práticos, sonham com o prazer em todos os sentidos, têm as mulheres em pé de igualdade. Não que sejam antagônicos, mas que olham o mundo por outras perspectivas. Por isso, talvez, não encontrem nestas páginas as mesmas alegrias e emoções daqueles jovens do passado, hoje amadurecidos pelo tempo, mas que não perderam a seiva daquela juventude de outrora. Mesmo assim, são jovens e, como tais, são sonhadores — daí estas palavras poderão alcançá-los.

Esta observação, porém, lembra-me escritores que, tendo produzido alguns escritos, afirmaram que jamais os escreveriam novamente. Decerto, pela experiência adquirida pelo tempo, tenham concluído que nada se aproveitaria do que escreveram.

Não penso assim, tanto que em 2016 publiquei uma crônica com o título *Primeiros escritos*, que aqui reproduzo:

“Os escritores, quando indagados sobre suas primeiras obras, às vezes manifestam suas relações com elas, exprimindo seus sentimentos do passado vistos sob o julgamento do presente. Em geral, essas obras foram escritas, senão quando da fase adolescente de suas vidas, de pouca vivência, pois, em processo de formação, as foram em épocas mais avançadas da vida, embora com mais experiência, mas sem a prática literária capaz de burilar visões da realidade.

Há aqueles que confessam que jamais escreveriam aqueles poemas ou prosas, fazendo questão até de esquecê-los, como se jamais os tivessem escrito. É o caso, por exemplo, de Coelho Neto, príncipe dos prosadores brasileiros, que, tendo escrito *Rapsódias*, confessa que jamais o escreveria se tivesse de fazê-lo novamente, pois era pensamento de um jovem de apenas 15 anos de idade. Há aqueles que afirmam sempre revisitarem seus escritos, como Sérgio Pinto, que, em *O cristal dos verões*, reproduziu poemas do seu primeiro livro, *Gestos lúcidos*, já que não tem por hábito relegar ao segundo plano o que escreve. E há aqueles que reescrevem os textos primeiro, aplicando-lhes modificações, buscando melhorá-los em suas rerepresentações.

Eu deslizo a pena sobre o papel desde a minha juventude. Hoje, a pena é um teclado e o papel, a tela de um computador. Nas folhas ou na tela, as ideias correm segundo o pensamento, traduzindo a visão do momento. Mas não costumo arrependê-me do que escrevi, rasgando a folha de papel escrita ou deletando

o texto digitado. Às vezes, tomo o que escrevi e o coloco em outro texto, tal qual lá está ou mesmo modificado, conforme a necessidade.

Todavia, o que é importante não é o que foi escrito e sim o conceito daquilo que ali se encontra descrito. E conceitos se alteram no tempo segundo as transformações da sociedade, que lhes dão novas conotações. É o caso de um texto da minha juventude que guardo em meus arquivos, para apontar-me a profunda mudança de época de minha vida, que não ousou sequer mostrá-lo e muito menos divulgá-lo. É que, embora quando o escrevi, aquele era o meu conceito e, mais até, um conceito coletivo, o que seria possivelmente interpretado como injúria se hoje fosse publicado, passível que seria talvez de responder a processo judicial por isso.

Este, sim, jamais ousaria dar-lhe publicidade, embora não me arrependa de tê-lo escrito, porque assim não era interpretado à época de sua elaboração. Apenas afirmo isso para demonstrar como quem escreve, ou mesmo fala, pode ser mal interpretado ou mesmo vítima de má-fé, quando uma sua assertiva é retirada de um contexto específico para fazê-lo valer noutro contexto determinado, deturpando-lhe o pensamento.

Quem escreve, mormente o escritor, deve ter grande responsabilidade com o que escreve, não só pelo que possa transmitir, mas também pela utilização do que escreve em espaço inadequado ou sem as devidas ponderações. Quem escreve produz efeitos, e

efeitos têm consequências até imprevisíveis, portanto, se se deve ter cuidado no falar, muito mais ainda no escrever.”

Portanto, com esta noção descrita, torno públicos, sessenta anos depois, os meus primeiros poemas, com o desejo de que eles sejam recebidos com a necessária ponderação de que foram produtos de um jovem encantado pela vida, conduzido inebriado pelo aroma do perfume de Afrodite à imensidão da força do amor.

Dedico este livro aos meus queridos netos Lucas e Luísa, dois irmãos ainda na flor da inocência e que, decerto, como crianças, estão ainda maravilhadas com a beleza da vida, diante da qual, embevecidas com as formas, as cores e os sons do mundo, fazem surgir íntimas e ricas histórias de amor em suas imaginações.

Que o espírito da poesia os mantenha eletrizados, para que não percam jamais as suas aspirações nem se desiludam com a realidade, revigorando-lhes sempre a vida pela força do Amor.

Campina Grande, verão de 2020.

Ailton Elisiário.

Meu primeiro neto

HOJE, 26 DE MARÇO DE 2010, ganhei meu primeiro neto. Belita, muito alegre com sua chegada, compartilhava o largo riso com Wesley, quando lá na maternidade chegamos, eu e Maga, para conhecermos o primeiro de nossa prole em nível de segunda geração. Nós o tomamos nos braços; Maga, com sua destreza de mãe, parecia que dele já cuidava havia dias, e eu, desajeitado, receando fazê-lo escapar das mãos.

Meu contato primeiro com ele foi rápido, tamanho era o medo de não o segurar bem. Porém, a sensação ao tê-lo no colo foi imensamente grande, pois o olhava como o filho que me chegava tardiamente. Foi como Zacarias, que recebeu João quando nem mais sonhava ter filho algum, dada a sua longevidade e a de Isabel.

Deus me deu a graça de minha mulher dar-me três lindas e virtuosas filhas. Não se esqueceu, porém, do meu desejo de que elas tivessem um irmão. E resolveu fazer de mim um Zacarias enviesado, dando-me um neto para que eu nele pudesse ver o filho desejado. Daí, a minha emoção de poder acolhê-lo com muita ternura, reconhecendo não somente o neto que minha filha me dava, mas também o filho que ocuparia o lugar para ele reservado em minha casa.

Maga teve, em seu primeiro parto, nossa filha Danielle. No segundo, as condições, que foram diferenciadas do primeiro, levaram-me à imaginação da chegada de um filho. Mas, essa imagem não correspondeu à realidade, e

chegaram Isabelle e Michelle, ambas acolhidas com idêntico amor dedicado à primeira. Assim, pelo quadro de saúde de Maga e não vendo mais possibilidades nesse sentido, restou-me elevar preces a Deus para que me ouvisse e fizesse acontecer através de minhas filhas.

E Ele me ouviu. Agora, o lugar do filho desejado é ocupado com o primeiro neto, que recebe o nome de Lucas. Estou, a partir de agora, totalmente aberto ao meu neto, que igualmente é filho.

Pela bênção tão esperada, retorno no tempo recordando os momentos felizes com minhas filhas ainda crianças, depositando em mim confiança e alegria e fazendo-me o porto seguro de suas vidas. Lucas terá como minhas filhas esse mesmo porto seguro. Procurarei ter com ele as alegrias sentidas que tive com minhas filhas, só que, desta vez, fazendo valer as brincadeiras e os pensamentos de menino.

Bem-vindo, Lucas, nós o recebemos com muito amor!

Campina Grande, 26 de março de 2010.

NOS MEUS VERDES ANOS é uma obra que transmite expressões poéticas manifestadas na juventude do autor. É um livro para jovens porque foi escrito por um jovem, mas pode ser folheado por pessoas maduras, que nele de certo encontrarão suas lembranças juvenis.

Com essa noção, o autor torna públicos — sessenta anos depois de escritos — seus primeiros poemas, com o desejo de que eles sejam recebidos com a necessária ponderação de que foram produtos de um jovem encantado pela vida e conduzido inebriado pelo perfume de Afrodite à imensidão da força do amor.

A visão dos jovens de hoje não é idêntica à dos jovens de anos passados. Estes eram mais românticos, sonhavam com o amor profundo, tinham as mulheres como de sexo frágil. Os de hoje são mais práticos, buscam o prazer em todos os sentidos, têm as mulheres em pé de igualdade. Não que sejam antagônicos, mas olham o mundo por outras perspectivas. Mesmo assim, são jovens e, como tais, são sonhadores, daí estas palavras poderão alcançá-los.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

